

Como Bet se livrou duas vezes dos riscos do câncer de mama

O ano de 2009 não deixou boas lembranças para Elisabet dos Santos Sousa. A mãe dela, D. Maria, desencarnou depois de sofrer um infarto fulminante. A perda de um ente tão querido mexeu demais com a



funcionária pública, hoje com 59 anos. “Eu entrei em parafuso”, lembra. Bet foi diagnosticada com depressão e síndrome do pânico. “Eu e minha mãe éramos muito ligadas, uma vivia a vida da outra”.

Mesmo sendo espírita e tendo consciência da continuidade da vida após a morte corpórea, foi um baque muito grande para Bet, que deixou de cuidar de si e de sua saúde.

Dois anos antes, em 2007, durante um exame de rotina no Hospital do Câncer, Bet havia descoberto uma “alteração” em uma das mamas. Nada que merecesse tratamento, mas apenas um acompanhamento constante para impedir a possível evolução de um câncer. A partir de 2009, porém, com a perda da mãe, ela deixou os exames de lado. Em abril de 2012, quando decidiu voltar a fazer a mamografia, não teve boas notícias.

“Foi detectado um câncer na mama direita e a esquerda já estava comprometida”, diz Bet. “Eu sentei e chorei bastante. A culpada era eu, que descuidei da saúde. Acreditava que não teria chegado a esse ponto se tivesse me cuidado melhor”.

Depois do choque inicial, Bet se apegou à fé. “Não tenho medo da doença, mas estava apreensiva quanto à cirurgia, iria receber anestesia geral, algo completamente novo para mim”, diz ela, que tem um filho adotivo e já é avó.

Recuperação

Como o câncer da mama direita estava em estágio avançado, a cirurgia foi marcada para o mês seguinte, maio de 2012. Na véspera da intervenção, Bet encontrou uma amiga, a pediatra Dra. Claudia, e contou sobre seu problema de saúde. “A Dra. Claudia me falou do IECIM e disse que deixaria o meu nome para tratamento a distância”, afirma.

Dois dias depois da cirurgia, Bet teve alta e a sua recuperação foi surpreendente. “Eu não senti dor alguma, nem tive problemas de circulação no braço, como costuma ser comum nesses casos”, diz.

Durante a cirurgia, retiraram material da mama esquerda para fazer uma biópsia e identificar se a região estava mesmo com câncer.

Durante quatro semanas, Bet fez o tratamento do IECIM a distância, com orações e água fluidificada.

“Levei o resultado da biópsia da mama esquerda para o mastologista, Dr. Gonçalo, que ficou em dúvida e pediu para fazer outro exame, mais detalhado, e voltar em 15 dias”. O Dr. Gonçalo pediu para repetir o exame porque já estava certo de que ela tinha câncer na mama esquerda, mas não foi o que o exame mostrou – o órgão estava livre da doença.

Ainda assim, o médico indicou sessões de radioterapia na mama direita para “esterilizar a área”, depois da cirurgia.

Na metade de 2013, durante mais um exame de mamografia, veio o resultado: Bet estava livre do câncer. “A mama direita estava completamente limpa”, diz.

Depois da cirurgia, Bet foi ao IECIM duas vezes. Em uma das ocasiões, o mentor perguntou sobre a sua saúde, ao que ela respondeu que não tinha mais câncer. “Os médicos não entenderam nada, não é?”, brincou o mentor, referindo-se ao resultado do exame da mama esquerda.

Microcalcificação

Bet ainda passou por uma segunda cirurgia na metade do ano passado, depois que uma microcalcificação foi detectada nas duas mamas. Microcalcificação são pequenos cristais de cálcio que se depositam em várias partes do corpo, inclusive nas mamas. Essa condição pode evoluir para um câncer ou ficar estável.

No caso de Bet, por conta do seu histórico, o mastologista optou pela intervenção cirúrgica novamente e ela se submeteu a uma operação em outubro do ano passado. Mais uma vez, recorreu ao IECIM, por intermédio da Dra. Claudia, e fez o tratamento a distância.

Durante o seu tratamento, Bet recebeu mensagens de fé e esperança de familiares e amigos, que procuraram pedir em seu nome em outras religiões, como a igreja Universal. Ela aceitou e agradeceu a todas as intervenções de coração. “Deus é um só”, lembra.

Bet, que é voluntária na Associação Espírita Caravana Irmã Caridade, no Parque Edu Chaves, zona norte de São Paulo, também passou por tratamento na instituição no período da cirurgia, com passes e água fluidificada.

“Toda essa experiência fez com que eu me certificasse de que Deus é muito bom e existe o poder de cura, pude comprovar”, diz Bet. “Nunca duvidei do poder da fé e do merecimento”.

Daniele Madureira, Jornal O Cidadão, Ano 13 - Edição 99, Fevereiro de 2015